

Minhas Últimas Horas

Por "Chorão"

Psicografia

Médium Carlos Neher

Março de 2013
Revisado em junho de 2018
2ª Edição

Ficha Catalográfica

Neher, Carlos Roberto.

Minhas Últimas Horas / Psicografado por Carlos Roberto
Neher. Mogi das Cruzes, SP, 2012.

1 Psicografia. 2. Chorão 3. Alexandre Magno Abrão.

Apresentação.....	9
No Apartamento.....	13
As Alucinações.....	16
O Desenlace da Carne.....	19

Dedico esta obra à minha família que nunca me entendeu, que talvez nunca me entenda e nunca me perdoe... Perdi tantos anos de minha vida e não segui o que queria... Fiz meu próprio caminho usando material de péssima qualidade na construção de minha vida... Muitos acreditam que eu deveria ter morrido... Muitos desejaram minha morte para não se incomodarem mais... Tive que ouvir de meus próprios familiares que pensaram em até me mandar me matar para que deixasse de incomodar... Com tanto dinheiro que minha família tem, com tanto poder que eles experimentaram, nunca pensaram em não desistir de mim e ir até as últimas consequências para me salvarem das drogas... No fim só tive Deus por mim... Hoje estou bem, na sobriedade, "curado", mas com um coração triste pois foi sozinho que conquistei isso, pelo abandono completo daqueles que amo... Sei que passaram por coisas horríveis e que choraram lágrimas de sangue por me verem assim... Mas eu nunca abandonaria meu filho, meu irmão, meu sangue, porque nenhuma droga desse mundo teria a força para conseguir que eu desistisse de ajudar quem eu amo...

Carlos Neher - Autor

Apresentação

Ao chegar lá tive a impressão que estava acordando de um pesadelo. Não houve uma “separação” do corpo como eu tinha ouvido falar que acontecia. Não veio ninguém me socorrer, não apareceu nenhum familiar ou “anjo” amigo me estendendo suas mãos brilhantes querendo me levar para junto de Deus... É verdade que encontrei alguém aqui e que me esperavam, mas como me foi explicado, foi tentado de tudo para que esse desenlace não tivesse acontecido da maneira como aconteceu.

O que vou contar nesse livro é o que me aconteceu nas últimas horas antes de me dar conta que já não fazia mais parte do mundo dos vivos e que tinha deixado tudo pra trás, infelizmente, ou felizmente, ainda não tenho certeza de nada, confesso...

O que sei é que não posso perder muito tempo com explicações que não levam a nada, pois segundo as orientações que estou recebendo tenho que transmitir minhas memórias o mais rápido possível, pois entrarei num tratamento e segundo meu orientador, não irei me recordar de tantos detalhes das minhas últimas horas mais tarde. A ideia de escrever esse livro tem uma função: me ajudar me dando créditos para que eu possa recomeçar aqui onde estou e ajudar as pessoas que são fãs de meu trabalho, que ouvem minhas músicas e que por ventura estejam no caminho das drogas e que ainda vão estar. Tenho certeza que a ideia desse livro e minha mensagem poderá ajudar muita gente.

Quero apenas informar a todos que estou deixando essa mensagem através do companheiro Carlos que foi escolhido e me foi apresentado nessas últimas horas para que me ajudasse a transmitir minhas memórias. Não sei bem quais os critérios e os motivos dessa escolha. Foi-me explicado que o Carlos passou pelas mesmas coisas que eu passei. Que pela grande afinidade que ele tem comigo e pelos problemas que ele passou somente ele poderia entender e descrever tudo que ocorreu comigo nas últimas horas antes de meu desencarne. As palavras difíceis que estou utilizando são correções do Carlos, pra não ficar errada a composição do livro. Dei o direito a ele de arrumar o português, e quando usar gírias colocar entre aspas, conforme as regras da gramática... Ele vai escrever esse livro com as palavras dele, para que fique o mais legal possível... Outro acordo que fiz foi autorizar que na segunda parte desse livro estivesse sendo disponibilizado uma obra sobre o Crack no Brasil que trata do problema da dependência de drogas, do tratamento, dos problemas que elas trazem para nossa vida, afinal o principal motivo desse livro é ajudar as pessoas a se “tocarem”, e para “cair a ficha” nada melhor que ler na continuação de minhas memórias das últimas horas de minha vida um trabalho elaborado pelo Carlos sobre o Crack. Nada melhor que aproveitarmos a oportunidade para divulgarmos esse trabalho literário junto com minhas memórias para fechar tudo com “chave de ouro” e eu poder estourar uma champanhe aqui, ok?

O Carlos aos 10 anos de idade viu seus pais se divorciarem. Foi posto num internato onde começou a usar drogas. É músico. Tem o “dom”, entre outros dons... As drogas na vida dele o levaram a duas overdoses, ele quase morreu várias vezes e por pouco não está aqui do outro lado como eu estou...

Ele tem quase a mesma idade que eu, um pouco mais velho, tem experiência em comunicação mediúnica, tem livros publicados na área do abuso de drogas e voltados a recuperação de dependentes químicos. Ele acredita nisso que aconteceu comigo e sabe que é verdade, já passou pela mesma coisa várias vezes, só que com ele não houve o desencarne, a “morte” do corpo... Ele tem essa missão na vida... Por isso que não morreu, apesar de ter tido duas overdoses... Ora o coração do Carlos parou duas vezes, por exatamente 3 minutos cada vez... Mas foi lhe dado à oportunidade de continuar na Terra se em troca dedicasse sua vida na prevenção e na recuperação de dependentes químicos... Achei maravilhoso ter essa oportunidade de conhecer o amigo Carlos e penso porque será que não o conheci quando ainda estava com vocês... Eu teria ajudado ele, sei lá... Teria parado com essa merd..., enfim... Ele me foi trazido durante a madrugada enquanto dormia e me apresentaram. Ao mesmo tempo em que me apresentavam o Carlos e explicavam como ele ia me ajudar, explicavam também a ele o que deveria fazer por mim nessa ideia do livro... O Carlos entrou em pânico logo de cara com a proposta que meu orientador lhe fez e não queria aceitar, por isso, vou deixar bem claro a meus familiares que respeitem ele, se não pela certeza que são realmente minhas memórias, pelo menos pela DÚVIDA que esse livro vai deixar em vocês... Durante toda a minha vida tudo foi dinheiro... Direitos autorais... Altas produções... Tudo que eu fazia se convertia em moeda corrente, em valores, em espécie... Se contentem com que estou deixando, não queiram isso, larguem o pé do cara! O cara faz um trabalho contra as drogas muito “maneiro”, faz shows-palestras antidrogas em colégios, não cobra nada, e se ele ganhar alguma coisa com esse livro que fique para ajudar nos shows dele, beleza? O Carlos tem todo e o maior interesse do mundo em divulgar

na forma de um livro minhas últimas horas de vida, como foi proposto a ele pelas pessoas que estão me auxiliando “desse lado” e há toda uma equipe nesse momento “segurando minha barra” para me ajudar a transmitir o que lembro para o livro. Conforme me explicaram o médium que está psicografando minhas lembranças está conectado diretamente a mim através de uma espécie de ponte que outras pessoas estão fazendo e não sei como isso funciona. Explicaram-me que esse livro não será exatamente escrito com minhas palavras já que o médium consegue enxergar o que me aconteceu olhando minhas memórias como se olhasse na televisão os fatos. Ele, o médium, no caso o Carlos, irá contar a vocês, meus leitores, tudo que me aconteceu nas minhas últimas horas para vocês poderem entender porque meu “apê” foi encontrado daquela maneira e porque tudo estava como foi achado.

Em resumo, tudo que aconteceu foi devido ao consumo de cocaína. Entrei em surto, tentei parar a loucura com os remédios e bebendo mas dessa vez não deu certo. Estava com muito pó em cima. Noutras vezes que isso acontecia comigo eu até jogava na descarga, no vaso quando entrava na paranoia e fim... Já joguei pela janela, era só me livra que tomando o remédio aos poucos o efeito ia passando, meu coração ia diminuindo a velocidade da batida, e eu acabava dormindo. Mas dessa vez não funcionou. Tive a maior noia de minha vida. Enlouqueci. Cara, surtei...Tive certeza que estava sendo filmado, vigiado, que iam por tudo na internet e acabar com minha carreira...

No Apartamento

Estava lotado de cocaína... Tinha muita bebida. O remédio para dormir me garantia que eu podia encerrar quando quisesse a noite. Nos últimos tempos passei a usar demais a cocaína. O pó me dava uma energia louca e eu podia ter a melhor qualidade.... Quem não ia dar uma "preza" da melhor pro Chorão? Quem me negaria? Me disseram que essa era a melhor, que iria me levar a loucura, que ia "estalar bonito", que iria me "morder todo". Fizeram tal propaganda que embolsei muito além do que estava acostumado a usar, de olho grande mesmo... Saí com a maior "pacoteira". Fui embora para meu apartamento e nem me lembro direito como cheguei lá. De cara abri um dos saquinhos e derramei pra poder cheirar. Nem curto muito isso de fazer carreirinha pra cheirar. Gosto de derramar e cheirar do monte mesmo.

Ao sentir a pancada na cabeça e o arrepio que me causou no nariz e em meu corpo todo a inalado que puxei com o canudinho vi que esse pó era bom demais mesmo. Meu coração disparou de uma maneira que me assustei. Senti um calor subir pelo meu pescoço e corri a abrir uma cerveja. Fui cheirando mais e mais. Duma hora para outra comecei a escutar uns ruídos que vinham lá de fora. Conseguia ouvir a minha mulher me chamando. Noutros momentos escutava muita gente lá fora conversando com minha mulher, ouvia a voz de todo mundo, de cada um. Ouvi sirenes da polícia e a voz de gente do edifício dizendo que eu estava louco e que estava usando drogas. A polícia queria invadir meu apartamento e ouvi eles falarem a meu filho que eles estavam filmando tudo e tinha escutas espalhado e que

sabiam de tudo que estava ocorrendo. Diziam que tinham que esperar o momento certo para entrar pois eu podia ter alguma reação, poderia estar armado e poderia fazer uma loucura. Puta que pariu, enlouqueci. Comecei a procurar as “meras” das câmeras e das “escutas”. Revirei tudo e não achei nada. Ouvi que iam me internar e que pelo menos um ano eu teria que ficar numa clínica fechada. Imagina eu internado numa clínica às vésperas de um novo trabalho. Queriam me derrubar mesmo. Mas eu não iria deixar isso acontecer jamais. Eu tinha que viajar, eu estava me preparando para coisas muito grandes. Não estava nem um pouco a fim de me internar. A droga nunca me comandou. Nunca fui viciado em drogas. Sempre fui forte, poderoso. Todo mundo me jogou na cara que eu era um viciado, um irresponsável. Mas quantas vezes me levantei e mostrei a eles pra o que é que eu tinha vindo nesse mundo. As drogas para mim é só uma consequência do sucesso, faz parte do meu mundo...

Olha só minha viagem... Ainda estou defendendo o que me fez parar minha vida, ainda estou defendendo meu assassino, a cocaína?

Sei lá... A cocaína era a confirmação do meu sucesso. Era o “brilho”. O fato de eu ter a “da melhor”, o fato de eu ter meu apartamento, meu motorista, meu segurança particular, e poder cheirar a vontade sem ninguém saber que estava fazendo isso me colocava nas nuvens. Era a prova que eu tinha chegado ao topo do sucesso. E eu tinha que ficar experimentando isso o tempo todo. Não conseguia ficar um mês, um ano, cinco anos sem este prazer, a troco de quê se eu me garantia?^

Agora, depois desse chuveiro geladíssimo que eu tomei e me dando conta de onde estou vejo que estava na maior ilusão. Não me contentava meu sucesso? Minhas realizações? Porque eu tinha que provar para mim mesmo que eu tinha chegado lá usando cocaína?

Sempre achei que de certa forma o pó me dava inspiração, me deixava pensando mais claramente, sei lá... Mas nos últimos tempos comecei a ter alucinações horríveis. E não estava a fim de abrir para o mundo minha realidade. Não podia fazer isso. Muita gente que usa drogas curte meu som. Perderia muito. Conheço cada cara, cada patrão, cada fornecedor, perderia todas as conexões. Não tinha o dom pra pop star que se acabou nas drogas, não podia dar o braço a torcer.

Escolhi esse apartamento por ser no último andar. Perfeito. Nada poderia vir de cima. Se algo acontecesse teria que vir de baixo e eu saberia mais fácil. Um prédio forte, seguro. Aqui dentro me sentia num castelo. Ninguém entraria se eu não deixasse. Tinha tudo e todos sob total controle e todos respeitavam minhas decisões. Quer dizer, nem todos, mas quem não aceitava tinha que se afastar e ponto final.

As Alucinações

Nunca imaginei que passaria com o tempo a sofrer alucinações por causa do pó. Isso eu não tinha calculado. Alguns me falaram que eu andava pesado demais e que com minha idade seria perigoso usar muita quantidade e que meu coração poderia parar, tipo uma overdose, sei lá. Nunca levei a sério esse tipo de conversa. Um cara como eu jamais poderia ser abatido por um pó, era imaginável e me causava até gargalhadas.

Mas nas minhas últimas horas eu vi tanta coisa... Vi pessoas me ameaçando dentro do apartamento e de repente elas sumiam do nada. E quando comecei a ouvir o pessoal do lado de fora a pensar numa maneira de entrar no meu apartamento para me pegar para levar para uma clínica enlouqueci. Deixei o pó cair no chão e não conseguia pensar em jogar no vaso e puxar a descarga. Comecei a ficar com raiva por terem decidido me internar contra minha vontade. Comecei a imaginar quem teve primeiro a ideia e quem iria assinar a papelada na clínica se responsabilizando por mim. Na minha cabeça vi um juiz assinar a autorização para uma internação contra a minha vontade, me imaginei sendo interditado e sem poderes sobre minha própria vida. Cada vez ficava com mais raiva e suava muito. Meu coração disparando, mais e mais sons, cheiros estranhos, teve uma hora que ouvi arrancarem um pino de uma granada e jogarem para dentro do meu apartamento. Meus olhos começaram a correr água da reação do gás lacrimogênio. Corri pra pia do banheiro pra lavar meus olhos que ardiavam muito. Me joguei contra a cama e levantei ela para me esconder atrás para me proteger caso entrassem atirando

em mim. Sabe lá se a polícia não achava que eu estivesse armado e se não confundissem e talvez pudessem atirar em mim. Eu tinha que me proteger. Fiquei muito tempo escondido atrás da cama mas a polícia nunca entrou. Quando tive certeza que era mais uma alucinação fiquei puto de raiva e cheirei mais um punhado bem grande, agora como se fosse pra me vingar das alucinações. Não eram alucinações que iam me fazer eu morrer de medo de graça. Pior que começou tudo de novo. Bebi muito pra tentar equilibrar meu corpo e evitar as alucinações. Mas eu tinha muito pó e não conseguia parar de usar.

As vozes do outro lado das paredes começaram de novo e eu tive certeza que haviam câmeras escondidas no apartamento e escutas e eu tinha que descobrir onde elas estavam. Procurei em todos os lugares, revirei tudo e não achei nada.

Comecei a ouvir vozes de pessoas que não conhecia, comecei a ouvir ameaças, gente que estava com raiva de mim disso eu tinha certeza, mas eu não tinha feito nada para elas. Eu suava demais. Sentia minhas mãos e pés se contorcerem, sentia câimbras horríveis, dores no estômago. Parecia que meu sofrimento nunca teria fim.

O Desenlace da Carne

Nunca imaginei a morte da maneira como aconteceu comigo. Confesso que não notei nada de diferente, não notei em que momento eu morri. Só me dei conta de mim muito mais tarde quando acordei. Estava num quarto branco todo azulejado igual a um quarto de hospital, mas era mais branco, mais limpo e tinha um cheiro de flores no ar ou algo assim, não sei explicar direito. Acordei deitado na cama, coberto com um cobertor muito macio, tipo um edredom leve, e estava completamente nu. Não tinha dor nenhuma, passei a mão no nariz e não senti nenhum pó, nada, estava limpo. Meu corpo estava limpo, sem traços ou cheiro de suor.

O quarto não tinha nenhuma janela, somente uma porta grande fechada na direção de meus pés. O quarto era grande, com uma mesa e cadeiras perto da parede a minha direita, livros em cima da mesa, um copo e uma jarra de água.

Não sei quanto tempo fiquei sozinho deitado. Não me deu em nenhum momento vontade de levantar da cama. Estava ótimo ali. Estava me sentindo bem de uma maneira que não me sentia assim há muito tempo.

Acho que horas se passaram quando de repente entrou um senhor de idade acompanhado de uma jovem. Vieram até minha cama e se apresentaram a mim. Dizei apenas que era meu “orientador” e sua assistente. Não sou muito detalhista e nesse caso não creio que adiantaria fornecer tantos detalhes. Ou você vai acreditar ou não vai, ponto final. Esse senhor, muito calmo e extremamente inteligente com após se apresentar, me explicou o que havia me acontecido usando de palavras e de um vocabulário muito

difícil, mas por alguma força estranha que atuava em mim, eu entendia toda a sua explicação.

Ele me explicou que eu havia desencarnado, morrido... E que me encontrava no momento em uma espécie de hospital de triagem e que dali eu seguiria para outro local para um tratamento de longa duração. Me explicou ainda que antes de minha partida para o início de outra fase de minha vida eu deveria aceitar a proposta de escrever minhas memórias das últimas horas, da maneira que me fosse possível, para ajudar no meu tratamento e como uma forma de obter mais recursos e créditos para a nova vida que eu iria levar.

O orientador me explicou que nesse exato momento muitas orações e preces de amigos e familiares comovidos com meu desenlace estavam chegando e isso estava intercedendo por mim e abrindo novas oportunidades de refazimento para a minha vida espiritual que estava recomeçando e que dali em diante tudo seria muito diferente da vida que eu estava acostumado a ter. O fato era que, segundo o orientador, eu havia contraído dívidas espirituais por haver prejudicado meu corpo e ter provocado o desencarne antes do tempo de vida destinado a mim na Terra.

Uma pessoa foi introduzida ao recinto e me foi apresentada como a responsável por colocar minhas ideias em um livro. Segundo as orientações recebidas era necessário começar o trabalho imediatamente, pois após minha transferência e em razão do novo tratamento que eu iria ser submetido deixaria de lembrar tudo o que havia ocorrido nas minhas últimas horas. Essa pessoa era um médium acostumado a receber mediunicamente as ideias de outras pessoas pelo fenômeno da psicografia, um tipo de mediunidade que possibilita a uma pessoa receber as ideias de um desencarnado e as registrar na forma de manuscritos, livros ou memórias.

Me foi explicado que minhas memórias seriam utilizadas para a recuperação de dependentes químicos interrompendo a trajetória suicida e ajudando outras pessoas através da conscientização do problema, tendo em vista o grande número de fãs que eu havia deixado e as pessoas que haveriam de ler o livro. Esse era uma grande oportunidade para mim e eu não poderia desperdiçá-la. Aceitei prontamente a ideia e o trabalho que eu deveria realizar. Estas linhas são resultado desse trabalho.

Não tive a oportunidade nem a consciência de quando em vida me dedicar a coisas desse tipo, pois estava totalmente envolvido com as drogas e não poderia nem conseguiria fazer isso.

Não tenho nem nunca tive a pretensão de salvar o mundo mas a proposta desse livro é a de tentar ajudar a conscientizar o maior número de pessoas possíveis, principalmente aqueles com menos de vinte anos de idade, que era o público que mais me assistia. Antigamente tudo era mais difícil. Hoje, graças a internet e a globalização tudo ficou mais fácil, então acredito que esse livro possa chegar a um grande número de pessoas interessadas em evitar tomar o rumo que eu tomei e acabar como eu acabei.

Peço a “molecada” que prestem atenção nesse livro. Ele não é grande, nem difícil de ler, a leitura será rápida, e o impacto é que importa: a mudança de rumo.

Se você tá nessa de pó, crack, sai fora enquanto pode. Isso encurta a vida, tira de nós as coisas mais preciosas, tira o amor de uma mulher, tira a companhia de seus filhos, te ilude te dando a sensação de ser todo poderoso e de ser mais inteligente que os outros. Te isola. Eu vim de uma geração “foda” e acho que sucumbi porque não me atualizei, deixei a força cultural da cocaína fazer minha cabeça e me afastar de todo mundo. Me orgulho do trabalho que fiz como músico mas estou decepcionado comigo mesmo porque a cocaína me tirou a vida.

***A SEGUIR UM PRESENTE DO MÉDIUM,
DO LIVRO OS SEGREDOS DOS DEMÔNIOS***

OS SEGREDOS DOS DEMÔNIOS (2018)

O Conhecimento do Futuro

Segundo as Escrituras e o Novo Testamento, enfim, segundo a Bíblia existe a possibilidade de se prever o futuro. Não é à toa que muitos autores bíblicos foram chamados de "profetas". Puderam prever a queda de impérios, o nascimento de Jesus, a vinda de um Messias... Segundo outras obras religiosas e de outras culturas sempre houve a previsão do futuro entre os seres humanos. Prever o que acontecerá daqui alguns minutos, daqui alguns anos ou séculos parece ser um fenômeno normal e muito bem descrito em obras e relatos em toda a história da humanidade e um fenômeno atualmente estudado pela própria ciência.

Para o estudioso de fenômenos paranormais isso é algo comum e sempre aconteceu. A própria ciência entende como fato indiscutível, é possível prever o futuro. A questão que ainda margeia tudo é se é um Dom de Deus, algo que acontece naturalmente devido a questões fisiológicas ou em decorrência de forças ainda inexplicáveis a luz da ciência. Estamos descobrindo agora que existe outras dimensões, energias, Leis Naturais, nanotecnologia, física quântica, a velha Lei da Relatividade, e quantas outras ainda estarão por ser descobertas frutos do estudo científico.

Para a concepção religiosa ocidental temos as religiões cristãs explicando a criação do mundo em alguns dias e todos conhecemos a dramática sina do anjo que caiu por ciúmes de Deus acabando sendo expulso do Céu para as profundezas do inferno, onde lá construiu seu reino apoiando-se na cumplicidade de outros anjos que o seguiram. Para o cristianismo o demônio é então esse "anjo" rebelado que tem dedicado desde então sua existência a colocar os seres humanos sob seu jugo, dominá-los e de alguma forma e por razões mais profundas mostrar a Deus que não merecemos misericórdia pois somos fáceis de manipular e com certeza estamos perdidos pois não conseguimos nos fortalecer

pela Fé, nem mesmo com a vinda do Seu próprio Filho para nos perdoar pois provamos como somos maus ao crucificá-lo...

Enfim, como prometi, não irei me perder em devaneios e retórica mas iniciarei o raciocínio que me fez criar esse capítulo a alguns fatos de minha infância. Ao mesmo tempo conjecturando possíveis razões para uma história tão estranha ter acontecido comigo como aconteceu, e que talvez ajude ao leitor poder construir suas próprias teorias a respeito do destino e das coisas que acontecem em nossa vida.

Eu estava com cerca de 9 anos de idade e fui matriculado no Colégio Dom Bosco no bairro IAPI, em Porto Alegre, aqui no estado do Rio Grande do Sul. Um colégio particular, com aulas técnicas nas oficinas gráficas da própria escola.

Havia aulas de judô e de patinação artística onde eu e minha irmã fomos inscritos. Se não me engano eu estava cursando a sexta série do 1º grau naquela época. Meu pai estava no início de sua carreira como músico e a todo vapor viajava por todo o Brasil em turnês infundáveis (para mim pelo menos pareciam sem fim). Via muito pouco meu pai. Os 3 Xirus ocupavam a vida dele completamente mas era o ganha pão de nossa família que graças as atividades com o conjunto começava a prosperar financeiramente. Os bailes, shows que faziam aconteciam todos os fins de semana quando não o levava a viajar por semanas inteiras cruzando o país. O sucesso garantiu a nossa família a compra do primeiro apartamento no bairro IAPI, um imóvel de 3 quartos, com pátio, garagem. A música possibilitou a meu pai pagar faculdade particular para minha mãe na PUC, nos colocar no Colégio Dom Bosco que era bem caro, pagar para nós aulas de música. Eu comecei a estudar piano, minha irmã violão com professor particular.

Foi uma fase muito difícil pelo menos para mim essa em que o dinheiro começou a entrar para meu pai. Minha mãe passou no vestibular da PUC e agora tinha que se dedicar aos estudos e com isso contrataram uma empregada que passou a residir conosco no apartamento e minha vida virou de cabeça para baixo pois a dita contratada era muito folgada e tomou conta de tudo passando a tentar nos controlar. Minha mãe sempre estudando deixava não só os afazeres

domésticos sob sua responsabilidade mas tudo sob os cuidados dela e essa empregada fazia o que queria. Me lembro de ser trancado no quarto de castigo muitas vezes. Eu era um garoto muito solitário e não gostava de fazer amigos e vivia aprontando coisas de criança mas para essa empregada eram coisas que mereciam punição e dessa forma o castigo que eu recebia era ser trancado no quarto.

Minha mãe era muito nervosa e sempre que a empregada contava alguma arte minha para ela eu apanhava. Talvez até por esse motivo que eu procurava não sair para brincar com as outras crianças da vizinhança pois tinha medo que me levassem a fazer alguma coisa errada e que eu viesse a ser castigado. Então minha escolha era não fazer amizades com ninguém e assim vivia solitário inventando minhas próprias brincadeiras.

O Colégio Dom Bosco na minha vida teve uma grande impacto na minha percepção sobre a vida devido aos fatos novos que me envolveram. Eu como todos os outros alunos tinha que me apresentar todos os dias na gráfica da escola onde eram realizadas as atividades técnicas ligadas ao meu processo de aprendizagem escolar. Eram atividades maçantes, pois me punham a passar cola em talonários que eram imprimidos lá na gráfica e eu odiava aquilo. O que eu mais gostava do Colégio Dom Bosco eram as aulas de judô e as aulas de patinação artística onde eu realmente me sentia muito feliz e podia me soltar e tinha alguns amigos. Mas era só. Não tinha amigos na rua. Eram só lá da escola, da patinação e do judô. As aulas de piano que meu pai pagava para mim eram outra tortura pois eu era muito magrinho e meus dedos muito fininhos e o piano era antigo e as teclas de madreperola eram pesadas e antigas e eu tinha que fazer muita força para poder tocar e conseguir produzir o som naquele instrumento. Peguei verdadeira ojeriza a piano. As aulas de partitura também eram muito desagradáveis e não entrava na minha cabeça a pauta musical, as notas, as cores, as divisões, enfim, não conseguia desenvolver conforme esperado para um filho de músico como eu era. Eu queria mesmo era tocar violão. Infelizmente meu pai achava que eu tinha que aprender música clássica pois como ele nunca teve a chance de estudar música ele considerava que me

dar essa oportunidade me pagando aulas particulares seria me dar algo que o pai dele não deu a ele, acho eu, enfim, ele nunca me explicou direito porque eu tinha que aprender piano.

Minha irmã, a Cristine começou a tocar violão bem rapidamente e a cantar e eu morri de inveja. Tinha acesso fácil as aulas dela pois pegava os cadernos e as letras de música que o professor deixava para ela e o instrumento estava sempre lá em casa meio a mão então eu escondido do pai me debrucei sobre o violão e aprendi sozinho lendo as aulas que o professor de minha irmã deixava para ela.

Minha rotina diária era levantar muito cedo, tomar café, tomar banho e ir para a escola. Lá no Colégio Dom Bosco, naqueles corredores azulejados e cobertos por colunas eu corria feliz para cima e para baixo sempre muito admirado com as cores do chão, com as imagens de santos e fotografias de padres espalhadas pela escola.

Um dia eu estava caminhando num dos corredores e de longe veio vindo um padre em sua batina preta, bem idoso, em minha direção e eu fiquei olhando ele. Quando ele me viu há alguns metros se aproximou de mim e puxou conversa perguntando meu nome, que série que eu estava e se estava gostando do Colégio Dom Bosco. Eu muito respeitosamente respondi a todas as suas perguntas na altura de meus 9 anos de idade da maneira mais simpática possível pois o achei muito velhinho e devia ser respeitoso para com ele. Sempre senti muito carinho por pessoas de idade desde criança e de alguma forma sabia que as pessoas nessa faixa etária eram como eu, muito sozinhas, e que precisavam conversar, fazer amizades. Era isso que eu pensei que estava acontecendo. Que o padre havia parado para falar comigo para se distrair. Talvez até porque eu tinha plena consciência do fato de ser muito simpático, apesar de ser muito magrinho. Eu era um menino muito bonito, olhos verdes, alto, cabelos loiros, cabelos penteados com franja, andava sempre muito bem vestido pois minha mãe era muito exigente com isso e eu era dono de um sorriso que conquistava meio mundo e eu sabia bem que bastava eu sorrir para um adulto que facilmente teria sua simpatia.

Nunca fui burro, sempre fui muito inteligente e me sobressaía nos estudos em tudo, tinha uma inteligência muito superior as demais crianças de minha idade e via tudo com olhos de adultos e conseguia me autoavaliar tranquilamente nesse aspecto de relacionamento com os outros, só que eu tinha isso de não querer fazer amizades com crianças de minha idade por medo de apanhar ou de ficar de castigo e a parte eu tinha preocupações nada normais para uma criança.

Eu havia começado a sentir certas coisas com relação a pessoas mortas e nosso apartamento era bem em frente ao cemitério São João. Logo eu descobri uma abertura no arame que me possibilitava passar e conseguia entrar no cemitério com pouco esforço. Minhas tardes de folga, quando não tinha atividades eram no cemitério, eu adorava caminhar entre os túmulos e procurar crianças nas fotos das lápides. Quando encontrava me sentava em frente e me dedicava a meditar sobre aquela pessoa, como ela devia ter sido, analisava as roupas que ela estava vestindo quando tirou a fotografia, calculava a idade que ele morreu, comparava a mim, e me deixava levar pela imaginação ao ponto de conversar com ela. Esses então eram meus amigos e amigas, as crianças enterradas no cemitério São João. Elas tinham endereço certo, estavam sempre lá, a minha disposição, quando eu quisesse poderia ir ao encontro delas e podia confiar totalmente nelas pois não me faziam mal, não corria o risco de brigar, de ser rechaçado, de rirem de mim, ao contrário, sentia nelas uma ligação íntima e rapidamente me sentia a vontade na presença de uma lápide de criança.

Outra fato importante que preciso contar é que eu nasci dia 27 de setembro, no ano de 1966. O dia 27 de setembro é um dia muito especial tanto para católicos quando para muitas religiões africanizadas aqui no Brasil, como a Umbanda. E eu tinha uma tia, a tia Ruth, que era médium trabalhadora do Centro Espírita de Umbanda Cavaleiros de São Jorge daqui de Porto Alegre. E no dia de meu aniversário ela a tardinha me levava lá no centro. O pessoal da Umbanda oferecia uma festa imensa, gigantesca, regada a doces e presentes, brinquedos para crianças, era uma grande festa de fato pelo que me lembro.

Eu no entanto quando chegava lá não sentia vontade de brincar ou de comer doces, eu imediatamente ao entrar no ambiente entrava numa espécie de

transe e minha tia me levava até o "congá" onde estavam reunidos os médiuns prestando suas homenagens a Cosme e Damião e ali eu era colocado. Não posso entrar em maiores detalhes sobre isso porque simplesmente não consigo me lembrar de nada. Segundo ela mesma contava os médiuns enxergavam Cosme e Damião comigo, eu confesso que não lembro de nada do que acontecia, nada mesmo!

Voltando ao padre no corredor do colégio Dom Bosco quero lhes contar que do nada ele me perguntou se eu não gostaria de ser seu Coroinha. E sempre muito falante ele me explicou que se eu aceitasse não precisaria mais frequentar as aulas na gráfica e passaria a frequentar atividades com ele, seria treinado para ser um Coroinha com os outros que já eram e que principalmente, iria ter uma atividade muito especial diferente dos outros que seria a de ajudar ele a ler um livro durante as tardes quando eu estivesse na escola. Eu rapidamente aceitei tal foi a felicidade que senti em saber que não mais precisaria frequentar a gráfica.

E uma nova vida começou para mim. Nunca contei isso para ninguém. Nem meus pais sabem que eu a tarde não estava mais frequentando as aulas técnicas. Resolvi não contar com medo que eles achassem que talvez o padre fosse querer abusar de mim ou algo parecido pois já sabia sobre sexo e também sabia sobre histórias de pessoas que abusavam de crianças. Como expliquei, eu era muito inteligente e no meu silêncio observava tudo e aprendia sobre tudo.

No lugar das aulas técnicas passei então a ir para o quarto do padre todas as tardes. A rotina era sempre a mesma. Ele ia na sua biblioteca, pegava um livro, me entregava e se deitava na cama e pedia para mim abrir em qualquer página e ler para ele. O livro era sempre o mesmo: O Evangelho Segundo O Espiritismo, de Allan Kardec.

Foi assim que fui introduzido aos estudos do espiritismo kardecista e passei a conhecer sobre temas como reencarnação, vidas após a morte, mediunidade, comunicação entre os espíritos, orações especiais, fenômenos mediúnicos entre outros tantos assuntos. E eu gostava muito de ler para o padre pois ele discutia comigo sobre o que eu lia e principalmente ele rebatia com

entusiasmo religioso e teológico as informações contidas na obra que eu tinha a missão de ler para ele. Foi um período de minha vida em que eu descobria a mediunidade sendo explicada teoricamente e ao mesmo tempo a experienciava em mim mesmo nos fenômenos que ocorriam comigo quando eles aconteciam sejam quando eram favorecidos pela minha tia quando me levava nos Cavaleiros de São Jorge, seja no cemitério em contato com as almas das crianças que eu acreditava conversar, seja discutindo teologia e conhecimento cristãos com o padre que de alguma forma sabia que eu precisa de informações e que precisava ser protegido.

Infelizmente um dia cheguei e me dirigi a entrada que levava aos quartos quando me pararam a caminhada e me pegaram pela mão me levando para um saguão onde havia muitas pessoas em volta de um caixão. Lá estava sendo velado o velho padre, Fundador do Colégio Dom Bosco, meu grande e querido amigo, talvez meu único e verdadeiro amigo, estava ali deitado, com os olhos cerrados, dentro de um caixão. O choque que eu tive foi indescritível. Nem tenho como explicar o que senti. Meu mundo se desfez naquele momento. Senti um desespero horrível e a perda daquele amigo tomou de sobressalto minha mente que eu só conseguia chorar e não havia quem me consolasse. A última coisa que me lembro foi de tocar as mãos dele entrelaçadas sobre seu peito e me mandarem embora para casa. Não tenho muitos detalhes para contar porque realmente não consigo lembrar, tudo em minha mente além disso não existe mais...Se existe está muito bem escondidinha em meu subconsciente e não consigo acessar.

Afinal, qual seria meu destino? Qual o meu futuro? Com 9 anos estar passando por tudo isso. Amigos mortos com endereço certo: o cemitério São João. Porque eu entrava em transe quando chegava nos Cavaleiros de São Jorge? O fato de eu me aproximar de dezenas de médiuns fazendo homenagens religiosas a "Santos", a "espíritos" me deixavam assim tão sensível ao ponto de eu entrar em transe pelo simples fato de colocar meus pezinhos no chão do centro espírita? Já que era uma festa com brinquedos e doces porque eu não ia brincar e correr como todas as outras crianças estavam fazendo, porque eu

ficava em estado sonambúlico? O que o padre viu em mim para me convidar para ser seu Coroinha pessoal e passar a me dar a incumbência de ler logo o Evangelho Segundo o Espiritismo para ele? O que esse padre viu em mim? Havia comigo já algum demônio com a missão de me acompanhar sabendo o que eu poderia ser um dia? Quais eram os planos do demônio para destruir-me? Sendo eu uma criança mereceria a atenção de demônios? Quem eu era, o que eu era, porque eu era assim, ou melhor, porque sou assim? No decorrer dos próximos capítulos irei contando os fatos de minha vida para você caro leitor para que juntos possamos chegar a alguma conclusão. Eu sou uma pessoa que precisa muito de ajuda, de orientação, de amigos, de pessoas realmente inteligentes e que estejam dispostas a desentrelaçar as tramas que me envolveram desde a infância. Não me sinto mais culpado de nada. Hoje estou num ritual de confissão aqui com você caro leitor onde me abrindo posso talvez encontrar a chave que falta, a peça do quebra cabeça que ainda não achei e espero de todo o coração que este livro me leve a alcançar esse objetivo. Estou jogando na mesa todas as peças que eu tenho e perguntando a você se você tem alguma peça que se encaixe no meu jogo e que me ajude a completar a tarefa. Não tenho a intenção de fazer mal a ninguém, nem de contrariar ninguém, nem de contestar religiões, nem de explicar qual é a verdade sobre as coisas. Minha intenção talvez seja apenas egoísta, pois só quero contar o que aconteceu, o que está acontecendo e descobrir o que tenho pela minha frente para saber caminhar melhor e sem cometer tantos erros como de fato cometi em minha vida. Continue comigo, continue lendo e construindo seu pensamento, talvez você de fato consiga me ajudar a ver o que eu não estou vendo e o que já deveria ter visto antes e me colocado em ação.

Mediunidade, esquizofrenia ou alucinações?

Como contei até agora o padre que me convidou para ser seu coroinha no Colégio Dom Bosco e minha tia Ruth Domingues tiveram uma grande participação em minha vida logo ainda no período de minha infância. Não dá para sequer dizer que eu era um pré-adolescente pois era de fato uma criança.

As visitas ao centro espírita Cavaleiros de São Jorge começaram antes de ingressar no Dom Bosco, talvez aos meus 7 anos de idade mais ou menos. Confesso que não me lembro direito e nem tenho alguém da família com quem possa me informar pois minha mãe que mais poderia me dar informações hoje está muito doente e toma medicação para sua saúde mental morando atualmente com minha meia irmã, a Gisele.

Meu pai, Bruno Neher, a outra pessoa que poderia me dar informações sobre essa época de minha vida hoje está com 77 anos e não me sinto no direito de o incomodar com esse assunto. Igual, a verdade é que o vejo muito pouco. Apenas acompanho ele nos seus shows que acontecem uma ou duas vezes por mês pela necessidade de dar assistência de palco aos 3 Xirus e para ele ter alguém de confiança por perto que entenda seus problemas de saúde e lhe possa prestar melhor atendimento, ou tenho raros encontros quando ele me pede que o acompanhe em alguma consulta médica ou durante alguma gravação no estúdio do Oscarzinho em Alvorada, aqui no Rio Grande do Sul.

Estou procurando neste livro evitar citar nomes para não envolver a memória das pessoas com meus problemas; decorrentes da publicação dessa obra e com minha biografia seja ela ainda viva ou já tenha falecido. Quando eu citar algum nome é só com a função de me situar na minha linha de tempo e para poder construir melhor o texto. Não acho que eu seja obrigado a provar nada para ninguém até porque já superei essa fase de minha vida e tenho maturidade suficiente para não me importar com conquistar simpatias, ou convencer alguém de alguma coisa.

Como discorri na apresentação dessa obra no prefácio ela é um tratado de demonologia sem no entanto se dedicar a dar maiores explicações sobre

demônios. Parece ser esquisito fazer dessa forma mas tenho meus motivos. Achei melhor trabalhar em cima de minha própria história de vida trazendo a vocês minha biografia da maneira mais fidedigna possível até onde minhas memórias e meu raciocínio e minha saúde mental me permitirem.

A considero uma obra de demonologia porque acredito *atualmente* em demônios e porque trabalhando em cima de minha história o leitor poderá compreender os *segredos dos demônios*. Não os segredos na forma que a cultura cristã impõe biblicamente mas com outras características mais complexas que **só a história de sua ação na vida de uma pessoa pode esclarecer...** O fato de possuir uma extrema sensibilidade para as coisas ligadas a fenômenos paranormais e segundo os espíritas de carteirinha ser eu considerado um médium pode explicar muita coisa ao leitor haja visto minhas experiências que estou trazendo tão abertamente a você que está se dedicando a ler cada linha de minha autoria.

Quero deixar muito claro uma de minhas principais premissas, uma das minhas regras para lidar comigo mesmo e com os fenômenos ou se você quiser entender dessa forma, com os demônios ou maus espíritos, ou ainda; com minha saúde mental, minha homeostase.

Não costumo dar espaço na minha vida nem em meus livros, nem em minhas palestras aos demônios, ou aos espíritos. Não atribuo a eles nomes nem dou rótulos religiosos dessa ou daquela determinada natureza, confissão ou doutrina.

Eu aprendi ao longo de minha vida a controlar alguns fenômenos e a bloqueá-los no meu dia a dia pois o meu principal objetivo era o de me conhecer, me entender, descobrir porque eu estou aqui, o porque da vida, qual minha missão ou desígnio, ou expiação, ou destino, ou coincidências matematicamente compreensíveis e naturais, para onde vou, se de fato o que acontece comigo é real ou apenas fruto de minha imaginação ou ainda fenômenos naturais facilmente explicados pela parapsicologia e talvez por leis naturais que ainda não estão muito claras entre nós seres humanos.

Outra parte com que me preocupo muito é com minha saúde física e mental, apesar disso para alguns ser irônico. Nunca fui de aceitar a simplíssima explicação tipo daquela dos cristãos: "...isso é *Mistério de Deus*". Muito menos fui convencido por agnósticos ou pelos fundamentos da parapsicologia que os fenômenos que ocorrem comigo desde a infância sejam apenas frutos de *mecanismos naturais da mente humana*.

A corrente espírita kardecista foi a que mais teve condições de aprofundar-me devido ao fato de *se propor a dar explicações mais coerentes sobre a vida depois da morte*, sobre fenômenos e outras tantas explanações e orientações que podemos encontrar na literatura espírita, e mesmo nas principais obras de grandes autores como Waldo Vieira, Divaldo Pereira Franco ou mesmo nas linhas das centenas de obras de Chico Xavier *não me convenceram como um todo pois sempre deixaram algo no ar* que não foi explicado ou que segundo essas mesmas *haverão um dia de serem explicadas no seu devido tempo*.

Enfim, não tenho muita paciência. Quero sair dessa vida com pelo menos uma maior compreensão sobre tudo o que me aconteceu e ainda acontece e ponto final. Estou determinado a isso e não discutirei nem adotarei uma religião fanaticamente falando com o *propósito de me render aos fatos de minha vida*. Negativo! Muito menos aceitarei minhas condições de saúde e diagnósticos médicos como *laudos explicativos* sobre os fatos de minha vida...Não mesmo!

Sendo assim, determinei a mim mesmo que; já que acredito **atualmente** em demônios e também em maus e *Bons espíritos*, que não vou dar "*nomes aos bois*". Pois, se existem demônios de fato, me dedicar a um tratado de demonologia com tudo que haveria de direito escrever sobre o tema seria *aumentar a "força" deles*, o orgulho próprio e dar-lhes *mais poder* sobre nós. Simplesmente não vou fazer isso!

Quanto aos maus espíritos ou mesmo aos Bons Espíritos também adotei o mesmo critério, afinal de contas *eles mesmos segundo centenas de obras espíritas* não gostam de dizer quem foram ou quem são, e *preferem o anonimato*. Então que assim seja, *amém!*

Acho que em poucas linhas me expliquei direitinho. O importante neste livro é usar minha biografia, minha história de vida como ferramenta para abrir mentes e permitir que o caro leitor possa desbloquear-se de seus conceitos, visualizar por cima de seus muros, **de sua trajetória cultural de absorção de conhecimentos**; para então, comigo, podermos juntos construir um novo pensamento a respeito da mediunidade, dessa sensibilidade chamada por alguns de paranormal, ou segundo alguns médicos e acadêmicos da ciência definem como sendo simples doenças mentais com processos claros de loucura; a que todos podemos chegar devido aos óbvios caminhos que a vida nos impõe de sofrimento e angústias produzindo assim, *uma série de contratempos naturais na pessoa humana*. Também não vou dar ênfase a essa vertente pois não sou psiquiatra, nem psicólogo, ou parapsicólogo, muito menos neurologista. Deixo maiores explicações para meu amigo o Padre Chiru Aripe se o destino permitir que ele venha a ler essas linhas e analisá-las.

Sou apenas o Carlos, um escritor medíocre, que desde a infância tem passado por uma série de encontros e desencontros e que precisa desabafar, **que precisa se "confessar"**; que precisa tornar pública sua vida, sua história, que precisa de amigos com *condições de o compreender*, que precisa ser aceito como é, apenas o Carlos que *tenta escrever um livro sobre não o que acredita, mas principalmente sobre tudo que aconteceu com ele, e ainda lhe acontece*.

Na época em que era levado pela minha tia querida, a tia Ruth, aos Cavaleiros de São Jorge *pricipitaram-se os fenômenos*. Talvez o ambiente, a defumação, todos aqueles médiuns de branco, minha condição intelectual e minha capacidade de observação tenham sido *influenciadas pelas circunstâncias*.

Os rituais, as espadas nas mãos dos médiuns, a arruda, planta essa a qual sou viciado em seu aroma e propriedades, me tenham feito "despertar" minha capacidade mental e devido a minha sensibilidade a "flor da pele" e a pouca idade eu tenha me deixado levar. Sou bem consciente de que *algum tipo de processo assim possa ter ocorrido*. Até por isso mesmo contar minha história de vida desde minha tenra infância venha a poder criar em mim mesmo a

capacidade de melhor me dominar e melhor me conhecer daqui para frente. Enfim *busco por uma nova alavanca* que inicie em mim *um novo processo!*

Entretanto a *somatória de fenômenos* que ocorreram comigo e ocorrem; e a tragédia constante de minha vida, me levam a outros caminhos e a novos raciocínios no meu pensamento, a outras conclusões que preciso esclarecer provocando ainda mais processos cognitivos voltados a desenvolver mais maturidade no meu tratar com as coisas de meu dia a dia e comigo mesmo. *Esse é meu esforço diário*, minha luta eterna, combater meus pecados, meus maus hábitos, melhorar a mim mesmo, *sentir-me fazer parte dos "homens de Bem"* e *não me sentir tão excluído como sempre me sinto*.

Para mim você leitor é um amigo anônimo, um amigo muito íntimo, que de alguma forma chegou a condição de ler esse livro por fatores que desconheço, talvez casualidade, talvez destino, talvez necessidade de se esclarecer e compreender-se também como eu procuro fazer, ou talvez para de alguma forma *compartilharmos energias mais sublimes que nos ligue mentalmente* e nos fortaleçam como criaturas de Deus em busca de um espaço e da *constante alimentação da Fé diária no Criador*.

Sou hoje uma pessoa que poderia classificar-se de muito religiosa. Não dentro de parâmetros conservadores ou ligado a determinada religião, mas sim muito ligada a sentir os "Ventos de Deus", se é que de fato isso seja possível e não seja apenas loucura minha. Graças ao estudo de muitas religiões, a leitura de muitos e muitos livros, a leitura da própria Bíblia várias vezes e a leitura de muitas das versões que dela existem; hoje consigo um certo equilíbrio e acredito piamente que é exatamente por este fato que consigo escrever para você, acordar todos os dias e agradecer, nas refeições fazer meu ritual de homenagem a Jesus que eu mesmo criei e continuar o meu dia a dia ao lado de alguns poucos amigos e ligado a pequenos grupos da sociedade em que me comprazo participando de algumas atividades vez por outra, como acontece com a Associação Guadalupe e a Pastoral dos Movimentos coordenada pelo Padre Chiru Aripe.

Eu acredito também nos fenômenos que ocorrem comigo mas procuro filtrar e permitir *que ocorram só aqueles que me convêm*. Que me levem a crescer mais e mais em direção a compreensão de mim mesmo. Nada é mais nobre que aprender a controlar-se e dedicar sua vida a dominar suas próprias paixões.

Nada é mais importante que garantir a saúde física, a higiene pessoal, a qualidade do raciocínio, alimentar a inteligência e se disponibilizar a interagir sendo útil de alguma forma aos seus semelhantes. Disso tento fazer meu principal objetivo. Porém não sou perfeito, tenho arroubos, sou muito nervoso, passo o dia inteiro tremendo.

Em contato com as pessoas muitos se aproximam e me perguntam se estou passando bem; pois notam que minhas mãos estão sempre trêmulas, que estou sempre sacudindo as pernas, que fico nervoso se ficar muitas horas sem fumar um cigarro, que vivo olhando para todos os lados prestando atenção em coisas que as pessoas não estão vendo.

O fato é que chamo muito a atenção quando estou em público, mesmo quando tento me manter quietinho num canto, logo sou percebido e acabo sendo observado pelas pessoas que resolvem se aproximar e tentar me ajudar de alguma forma seja por solidariedade, seja por curiosidade ou por sentimentos mais nobres, ou ainda por apenas tentar fazer uma nova amizade.

Enfim, diz-se entre os médiuns que *uns conhecem aos outros e se percebem na multidão*. Fato! Eu pelo menos consigo descobrir no meio de centenas de pessoas as que possuem algumas características ligadas ao acontecimento de fenômenos no seu dia a dia. Percebo muito facilmente. Basta me aproximar da pessoa, meu corpo treme, conforme a energia sinto arrepios de calafrio ou um arrepio mais saudável que me emociona profundamente.

Em palestras públicas que compareço proferidas por outras pessoas consigo observar o desdobrar do corpo delas enquanto falam. Consigo ver o suporte espiritual que o ajuda na palestra e as várias aproximações que ocorrem de espíritos que em contato com o corpo do palestrante lhe auxiliam fornecendo energias ou informações concernentes ao tema que ele está a ministrar ao seu

público. Não vejo detalhes, tipo o sexo do espírito que tocou o palestrante, ou sua fisionomia e detalhes das roupas que vestem, vejo apenas o formato humano semi transparente como se estivesse vendo uma grande gota de água na forma humana.

Enfim, vários fenômenos ocorrem comigo ditos mediúnicos mas geralmente eles ocorrem inesperadamente, quando minha mente está completamente limpa e do nada eles começam a ocorrer e me prender então a atenção, e passo a observar; com critérios de estudioso, sobre o que está acontecendo comigo e; tento nestes momentos rever meus conhecimentos e buscar as explicações plausíveis.

A trama para traumatizar, a marca do mal

Comigo foi muito complexo toda a trama organizada para me traumatizar, para aos pouquinhos garantir que qualquer que fosse meu futuro eu ficasse severamente comprometido e não o alcançasse.

"Eles" agiam na minha mente. O fato de eu ser criança e talvez por isso "inocente" não me permitiu nenhuma defesa. Agiram de forma vil e baixa, sem respeito nenhum, com sordidez e uma maldade intelectual realmente impressionante. As ações eram diárias, comprometedoras, pulsantes, sensíveis, organizadas, inteligentes e me envolviam sem que eu percebesse me dando a impressão que tudo era fruto de meus próprios pensamentos e resultado de minhas ações. *Acho que de certa forma a falta de religião em nosso lar e de um compromisso com Deus de nossa família levou os acontecimentos a se desenrolarem dessa maneira. Não havia o orai e vigiai...*

Lembro que uma certa manhã eu estava no pátio e caminhava olhando o chão, sozinho olhando o muro de mais de 3 metros de altura que me cercava, observei o grande portão de ferro de correr, todo pintado de preto que me pai havia mandado colocar e pensei comigo como ele era pesado para o abrir. Agindo da forma mais natural do mundo visualizei uma grande pedra no chão com cerca de meio quilo de peso e peguei ela nas mãos.

Segurando a pedra com as duas mãos tomei impulso e a joguei para cima por sobre minha cabeça com toda a força em direção ao grande muro e a pedra subiu alto e o ultrapassou caindo do outro lado exatamente no olho de uma criança que estava brincando ali.

Não demorou muito para que minha mãe me chamasse e me pegasse furiosa pelo cangote e me levasse até a porta aberta de nosso apartamento onde parada estava a mãe do garotinho e ele chorando muito com o olho inchado e sua mãe furiosa aos gritos. Só lembro disso, o resto apagou de minha mente. Eu tinha cerca de 8 anos de idade ou 9...

Noutra feita eu dentro desse mesmo pátio brincava com meu cachorro. Subi em cima do muro que prendia o portão de correr de entrada do pátio e lá em

cima encontrei várias pedras pequenas. Não sei porque motivo comecei a jogar contra meu cachorro acertando nele várias pedradas. Depois desci do muro e fui em direção a porta dos fundos e ele avançou em mim mordendo com muita força meu braço esquerdo ficando pendurado me mastigando. O pai apareceu correndo de arma em punho e o matou com um tiro. E não me lembro de mais nada.

Outra vez na ausência de meus pais tive a ideia de mexer no bolso de um casaco preto muito pesado que meu pai tinha, um sobretudo, e encontrei uma caixa de balas de revólver calibre 38.

Chamei os meninos da rua, e numa churrasqueira que havia em frente ao nosso edifício fiz fogo e joguei a caixa de balas dentro. Fiz todos os meninos se esconderem atrás de um muro e aguardamos o início das explosões que assustou o bairro inteiro naquele dia. Sei que apanhei muito. Entretanto não lembro de nada a respeito para dar maiores detalhes.

No cemitério em frente ao nosso edifício eu costumava todas as manhãs antes de ir para o colégio, de mochila nas costas, percorrer todos os portões de entrada e saída e catar as moedas que eram deixadas nas oferendas sobre tecidos coloridos, entre garrafas de cachaça, charutos e outros objetos. Sempre eu tinha dinheiro graças a isso e guardava tudo ou gastava comprando balas e doces.

Havia um senhor no bairro que me observando entrar e sair do cemitério pelos buracos da cerca um dia me chamou e me disse que se eu por acaso achasse crânios humanos em alguma sepultura aberta ou quebrada, destampada ou nos restos que eram de vez em quando queimados num local perto do cruzeiro do cemitério que eu adorava ir para acender as velas que tinham se apagado as pegasse, e trouxesse para ele que ele me pagaria por cada crânio. E de preferência que tivessem ainda um pouco de cabelo. Nessas eu receberia um pagamento maior. é bom sempre lembrar ao leitor, eu tinha apenas 9 anos de idade!

Só morei em frente ao cemitério São João até o divórcio de meus pais pois quando isso ocorreu meu pai ganhou minha guarda na Justiça e fui residir com

ele e muito logo em seguida, por volta de 11 anos eu fui internado no Colégio Bom Pastor em Nova Petrópolis, na Serra Gaúcha, um colégio luterano, técnico agrícola, em plena BR 116 ao pé de um morro.

O fogo, as velas, eram uma paixão minha. Na verdade ainda são. Adoro acender velas e não consigo ir dormir sem antes acender uma ainda nos dias de hoje.

Exatamente nessa época minha mãe se apaixonou por outro homem e um romance entre eles começou. Meu pai sempre viajando não percebia o que estava acontecendo. Um dia durante uma longa viagem de meu pai para tocar bailes em outras cidades minha mãe avisou que íamos viajar para a praia com uma parente nosso que estava chegando em Porto Alegre. Eu e minha irmã ficamos muito felizes pela aventura que iríamos ter e fomos todos para a praia.

Minha irmã parecia não perceber nada. Ela era quase dois anos mais nova que eu. Eu, entretanto notei a intimidade com que esse "parente" tocava minha mãe. Os beijos, os olhares de cumplicidade entre eles, o carinho, não era normal. Me senti profundamente confuso. Me senti comprometido, cúmplice de algo ruim que estava acontecendo contra meu pai.

A dor e o sofrimento que passei a sentir era indescritível, minha mente de criança não conseguia chegar a uma conclusão sobre os fatos que se apresentavam aos meus olhos tão descaradamente. Minha irmãzinha parecia não notar nada e sempre muito feliz aproveitava todos os momentos. Eu no entanto só tinha um sentimento de desconfiança, me sentia traído, e ao mesmo tempo também traindo a meu pai.

Estava entre a faca e a espada. Se eu contasse alguma coisa para meu pai trairia minha mãe que amava. Se eu não contasse estava traindo meu pai. Era assim que eu raciocinava e meu sofrimento só aumentava pois não via uma solução naquela situação onde eu me sentia totalmente sem chão. Acho que decidi não ver mais nada, me fazer de louco, acho que decidi fazer o que minha irmã fazia, deveria aproveitar o momento, brincar, me distrair e não fazer parte do mundo dos adultos que não me pertencia apesar de eu ter plena clareza dos acontecimento que podia observar ao meu redor naquela fase de minha vida.

Quando meu pai voltava de viagem eu ficava mais em casa, não queria sair do apartamento, tentava observar o que iria acontecer, o que estava acontecendo entre os dois. Eu via meu pai e minha mãe de portas fechadas no quarto em brigas intermináveis e discussões sem fim. Minha irmã sempre na rua brincando com as outras crianças sendo feliz. Eu não podia fazer isso. Precisa saber. Precisava de alguma forma encontrar uma posição mais confortável em todo aquele drama que me levava a crer que meus pais se separariam em breve.

Minha mãe notou rapidamente que eu tinha consciência plena de tudo que estava acontecendo. Ela sabia que eu estava indeciso sobre o romance dela com aquele estranho mas ela também sabia que podia confiar em mim. Acredito que ela sentiu que eu jamais a trairia. Consigo me lembrar das muitas vezes em que ela me colocava no carro me dizendo que íamos até a casa dele, para ver se ele estava lá pois ele residia a algumas quadras de nosso apartamento por coincidência; ou não, não sei.

Minha mãe estava sempre desesperada, chorando pelos cantos durante as viagens intermináveis de meu pai, que tinha que trabalhar e garantir o pão de cada dia. Meu pai deixava cheques em branco para a mãe. Nunca deixou nos faltar nada. Creio que era assim que ele tentava mostrar seu amor por nós todos, pela família. Com o dinheiro, com presentes. Infelizmente suas atividades como músico o impediam de estar mais presente. Nunca me revoltei por ele estar longe. Sempre tive um imenso orgulho dele. Eu já tocava piano, escondido aprendia a tocar violão. Quando o pai estava em Porto Alegre, e quando ele podia; me levava em vários eventos, me levava nos estúdios onde ficávamos horas sem fim gravando algum LP dos 3 Xirus, ou ainda nas atividades de produção de discos que meu pai se dedicava também com o objetivo de ganhar um pouco mais de dinheiro e melhorar ainda mais a qualidade de vida de nossa família.

Meu pai sempre foi um homem muito trabalhador, incrivelmente dedicado e eu podia sentir isso em meus poros, em meu coração. Minha sensibilidade, de criança, causava profundas emoções em meu ser quando escutava a voz de meu pai cantando, ou ainda quando o via no palco, sentia uma Luz nele, não era

apenas trabalho, podia sentir a Espiritualidade que vertia e o intuía levando ele a criar, escrever, compor melodias. Bruno Neher, meu pai, nunca foi apenas um homem dedicado ao trabalho de músico como algo visto apenas profissionalmente, a música em meu pai era também energia, sangue, suor, lágrimas, sorrisos, visão, batimentos cardíacos, era tudo, ainda é.

Quando eu estava com meu pai em suas andanças eu me transformava em outra pessoa. Esquecia que era uma criança ainda. Me sentia importante, me prendia em todos os detalhes, e observando buscava aprender e memorizar tudo e a todos; e acreditava literalmente, que esse era meu destino de adulto e queria ser exatamente o que meu pai era, músico, cantor, fazer shows, me apresentar em público, ser querido e admirado pelas pessoas e ser útil como eu podia notar que meu pai era.

Estar na presença de meu pai sempre foi uma grande benção para mim durante minha infância até o início do processo de divórcio quando então o meu mundo veio abaixo e todos os sonhos que eu tinha acabaram, definitivamente nesse período de minha vida eu morri para o mundo, e o mundo todo morreu para mim.

O que eu previa aconteceu. O maior de todos os meus medos. A separação de meu pai e de minha mãe.

Este processo me levou a desenvolver um sentimento de revolta e ódio. Eu passei de alguma forma a culpar minha mãe por se deixar levar e por não ter se importado conosco, seus filhos, comigo e com minha irmã.

Apesar da pouca idade eu pensava muito, demais. Passava horas raciocinando, imaginando mil saídas, torcendo para que as coisas se resolvessem, observando os momentos de depressão de minha mãe, principalmente a partir do momento em que ela descobriu que a pessoa pela qual estava apaixonada era casado.

Eu conseguia prever cada passo de minha mãe em relação aos problemas que ela enfrentava em sua mente. Sabia que a paixão a consumia e que ela teimosamente jamais deixaria de tentar conquistar aquele homem pelo qual estava encantada, literalmente falando. E era comigo que ela falava. Era comigo

que ela desabafava. Eu só ficava em silêncio, não tinha ideias para dar a ela, até porque se eu no alto de meus 9, 10 anos de idade, desse qualquer sugestão a ela que a ajudasse com aquele homem com o qual ela traía meu pai eu estaria sendo mais cúmplice ainda do que já o era, se é que o era... Acho que meu pai jamais iria me jogar na cara, tipo assim: - Carlinhos, tu viu tudo. Tu era o homem da casa enquanto eu viajava a trabalho... Porque não me contou que tua mãe conheceu um homem e que estava me traindo? Na minha cabeça entretanto eu só imaginava isso. Meu pai me esgoelando por não ter contado a ele o que estava acontecendo. Eu tinha muito medo do pai pois ela tinha tido uma criação bem rude e era de poucas palavras. Pelo olhar tentava me controlar e como eu tinha muita sensibilidade conseguir absorver seu modo de interagir comigo. Com olhares, sinais, poucas palavras, sem muito toque em meu corpo, e por compreendê-lo respeitava muito seu jeito de ser comigo, até admirava isso pois seu modo de se comportar com relação a mim me diz nas entre linhas quem ele era, que tipo de homem ele era e o que eu poderia esperar dele como pai. Nunca tive nenhum tipo de dúvidas com relação a ele quando era criança.

Confesso envergonhado que depois dessa fase da infância, entre a pré-adolescência e a juventude, e mesmo na vida adulta, quando então já estava muito comprometido com a dependência química que passei a duvidar dele em tudo. As dúvidas surgiram no momento em que ele resolveu me colocar no internato, longe de Porto Alegre cerca de 100km, principalmente pelo fato de eu ficar tão longe dele e de todos e também porque passei poucas e boas nessa fase. O internato causou o resto de confusão que precisava causar em minha cabeça para eu ficar totalmente sem rumo. Lá comecei a fumar e a usar drogas com os meninos mais velhos que eu. Lá passava frio durante o inverno e sofria horrores todas as manhãs quando nos levantavam aos gritos e com o badalar de um sino horroroso que o zelador usava para nos acordar.

Esse bendito sino na mão do tal zelador era também uma arma. Quantas vezes apanhei com aquele sino na cabeça haja visto que o homem, truculento e completamente ignorante, mal encarado e maldoso, usava o instrumento para nos bater. Nos acordava aos gritos de manhãzinha para o banho e sem ligar as

caldeiras colocava todos nós nos chuveiros onde sequer conseguíamos segurar direito o sabonete para nos lavarmos direito de tanto frio que sentíamos e de tanto que nossos corpinhos tremiam sob aquela água gelada que corria abundantemente dos chuveiros.

Devido aos maus tratos fugi várias vezes do internato; ia de carona que pegava na BR 116 para Porto Alegre, para a casa de algum familiar. Meu pai informado por telefone da fuga descobria onde eu estava e me dava uma boa surra e me levava de volta de carro ao colégio em Nova Petrópolis até minha próxima fuga, e tudo se repetia. Quanto as surras que levava tanto de meu pai quanto de minha mãe não me mataram, só fizeram parte de todo um processo educativo e de amadurecimento comum naquela época.

Aos poucos, com o passar dos meses acabei me acostumando e me adaptando, aprendendo a fugir do sino, aprendendo a conviver com meninos mais velhos, fui ficando mais esperto, e aproveitando do dinheiro que meu pai deixava para me darem de mesada. Todos os fins de semana passei a comprar maços de cigarro e também cola de sapateiro na ferragem em Nova Petrópolis que compartilhava com os garotos mais velhos e assim fui conquistando meu espaço e podendo sobreviver naquele inferno. Sei que meu pai não tem culpa de nada. Ele escolheu a melhor escola, talvez até a mais cara de todos os internatos do Brasil, e ainda Luterano, ou seja, ele investiu na minha educação acreditando que eu estaria plenamente protegido através do que se propunham os educadores e fundadores daquela instituição e como não podia me cuidar devido as viagens a trabalho o internato era a melhor solução.

Quanto a minha mãe que ficou com a guarda de minha irmã (portanto eu e minha irmã fomos separados pelo Juiz nessa briga judicial pelas nossas guardas) as coisas não foram fáceis para ela. Enfim, de qualquer forma; as coisas acontecem talvez por que precisam acontecer e as consequências de nossos atos iremos colher no decorrer da vida, a curto, médio ou longo prazo, diz-se sobre isso que se chama Lei de Ação e Reação, agora se essas ações são provocadas todas por nós aí já é outra questão e acredito piamente, literalmente que somos muitas vezes vitimados por energias e inteligências que não

percebemos devido a estarmos ofuscados pelo brilho de nossas paixões, de nossos egoísmos, de nossas tendências morais, de nossa índole.

Acredito que no caso de erros que cometemos devido a decisões infelizes em nosso percurso na vida sejam também muitas vezes motivados pela criação que tivemos, pela cultura dominante em determinada época, pela influência de valores econômicos e sociais, por várias realidades além e fora de nosso controle, disso não tenho dúvidas.

Algumas decisões e passos mal dados que prejudicarão nosso futuro, nossa família, nossa integridade como ser humano, denegrindo nossos valores mais profundos de nosso ser são também muitas vezes provocados por comportamentos doentios ligados a determinadas patologias da área de saúde mental e nesses casos infelizmente houve a falta de tratamento, houve uma falta de vigilância, algum descaso ou um revés da sorte interagindo e determinando o futuro dessa pessoa que colheu tantos frutos amargos.

A vida é dura e todos sabemos disso. Gosto muito de um ditado popular que lembra: "não estamos aqui para fazer turismo", ou ainda outros tantos que procuram nos avisar alertando que se semearmos flores colheremos flores, no caso de semearmos espinho colheremos espinhos...;

Devemos fazer da vida um caminhar entre flores, mas não será bem assim... Para alguns poucos talvez, mas a maioria de nós sofrerá e passará por horrores e experiências infelizes no decurso de toda sua existência. Fome, frio, falta de emprego, impossibilidade de estudar, dificuldades financeiras, desencontros amorosos e decepções, acidentes graves e doenças que lhe tirarão a satisfação de viver.

Nesse horizonte todo de expectativa sobre a vida e o exercício dela com qualidade há ainda como tento bem insinuar e discursar nessas linhas; a influência do mal, dessa energia inteligente que se importa tanto com nossos destinos e que como vizinhos fofos e amigos falsos criarão condições de sermos derrotados ao primeiro passo em falso que dermos. Ao primeiro deslize.

Logo no primeiro capítulo me referi ao anjo rebelde que revoltado com a vida que o Criador deu aos seres humanos tem se dedicado em sua existência

"eterna" a provar que somos falíveis, egoístas, impuros e que não merecemos a Misericórdia Divina nem mesmo o primeiro fôlego de ar que respiramos quando nascemos!

Essa inteligência maligna causadora de sofrimentos; como já me referi anteriormente conhece o passado, o presente e o futuro das criaturas que controla sob sua bandeira e que invigilantes por uma razão ou outra podem ser manipuladas durante a vida.

Nesse sentido que a história da humanidade consegue provar a qualquer estudioso e pesquisador que a religião e os sentimentos primeiros que provocaram nos humanos sua influenciação e organização social, controlando seus excessos, até contribuindo com a higiene pública, o quão importante tem sido o exercício da Fé entre os homens, seja por adoção de práticas ou rituais, seja pela produção de regras escritas, mandamentos ou profecias, seja publicando livros ou escrituras ou manuais institucionais de caráter religioso.

Alguns historiadores tentam explicar que a unificação das 12 tribos de Israel foi um decisão política de seus líderes que usaram da crença popular para construir um estado unificado sob uma única bandeira.

Outros afirmarão que Moisés ao apresentar os Dez Mandamentos e ao combater a adoração dos ídolos procurava controlar as tribos com o propósito de evitar guerras e mortes, comportamentos que levavam a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e a proliferação de contágios provocando através da instituição da religião uma disciplina que cobrava higiene, controle sobre as compulsões do sexo, controle sobre o gasto de recursos e uma espiritualidade que provocava sentimentos mais nobres nas pessoas o que diminuía a violência social nas tribos, a violência doméstica, os roubos e furtos, a infidelidade, e os assassinatos defendidos pela antiga estratégia do "olho por olho, dente por dente". E como diz outro popular jargão: "assim caminha ou melhor, caminhou a Humanidade"...

Nesse caminhar da Humanidade como não deve ter se sentido o demônio? Ora bolas, então os seres humanos sempre estavam dando jeito para tudo. Se eu estímulo a violência, a depravação sexual, o ódio e a ganância, vem algum

humano e cria determinadas religiões, regras, ou rituais, livros, escrituras, bíblias, com o propósito de diminuir meu poder de ação sobre a humanidade?

Seria o Criador intuindo os seres criados a se organizarem? Seria realmente Deus a inspirar nos seres humanos sonhos de perfeição, desejo de organização, sentimentos mais nobres que acabariam por organizar e diminuir o comportamento destruidor de um determinado grupo social? Seria Deus nesse eterno embate com o anjo rancoroso provando que sim, merecemos sim a vida que ganhamos, o ar que respiramos, ver e ouvir, desenvolver a inteligência e ainda evoluirmos nas ciências, nas artes e mesmo como futuras; grandes e imensas civilizações?

Jesus um dia explicou a seus Discípulos que haviam "muitas Moradas na Casa do Pai"...Além daquela destinada aos anjos haviam então lugares criados por Deus para irmos e vivermos quando deixarmos essa vida! Que ódio deve ter sentido o demônio ao ter plena consciência que esta afirmação percorreria os séculos e seria reproduzida em milhões de páginas no mundo inteiro.

Creio portanto, que a marca do mal está em nós ao nascermos pois de alguma forma a inteligência que tenta denegrir a humanidade e provar sua incapacidade para a Misericórdia de Deus conhecerá o futuro de cada indivíduo e suas possibilidades como autor de seu destino bastando para isso que com sua vivacidade e perspicácia analise o berço de cada nascimento, a história familiar, os Dons e as Graças dado a essa ou aquela família e a inteligência do cérebro em questão do nascituro para então imediatamente começar a influenciação sobre determinada família a fim de prejudicar, com a intenção de impedir que essa nova criança venha num futuro próximo corroborar as Boas Intenções do Criador e torne-se um elemento útil a sociedade, do Bem...

Se o objeto de seu trabalho e sua dedicação é unicamente voltada para combater a prosperidade dos seres humanos o trabalho do demônio também acontece no "modo formiguinha", ou seja, um a um, e se isso é fato, então haveriam legiões imensas de outros demônios que em uníssono trabalham para esse fim em cada célula familiar, no âmago do ser de cada indivíduo,

prospectando, interferindo, provocando situações e criando obstáculos para o crescimento individual de cada um de nós.

Analisando dessa forma vemos que "os segredos dos demônios" não são tão secretos assim pois podemos nos organizar de tal forma a impedir sua ação haja visto nossa capacidade de exercício da Fé, sentimento este que bem desenvolvido realmente nos fará termos forças e energias para vencer qualquer batalha e nos proporcionará caminhos para vencer nossos próprios males. Se de fato tudo isso é verdade, estamos libertos. Jesus mesmo confirma o contexto: "a Verdade vos libertará"! (...)

Demônios consideram que tudo é válido!

Havia ainda alguma chance para mim. Apesar de eu ter começado a fumar e a usar drogas devido as circunstâncias no internato. Eu estava completando 12 anos de idade. Pela primeira vez na vida passava um aniversário longe de minha família. Ter abruptamente sido internado foi terrível para mim nos primeiros dias principalmente pela distância que eu sabia que estava de meus familiares.

O colégio Bom Pastor aos meus olhos era enorme, talvez porque eu fosse magrinho, pequeno, tivesse 11 anos aquilo tudo era interminável. Havia um dormitório gigantesco no segundo andar de um grande prédio onde também ficavam os banheiros com chuveiros que só ficavam quentes se fossem alimentados a lenha. Os quartos eram por faixa etária e o meu tinha 10 camas onde eu dividia espaço com outros nove meninos. Praticamente não lembro do

rosto de nenhum de meus colegas, apenas de um, o Luiz Brasil, meu grande e querido amigo que só veio, entretanto, a se aproximar de mim depois de vários meses.

Minha relação com os colegas de quarto e de sala de aula, bem como com todos os que estudavam e os que residiam no Bom Pastor era quase nenhuma. Eu vivia deprimido e choroso até que um dia conheci a esposa de um funcionário que me sugeriu que eu me ocupasse fundando uma biblioteca para evitar ficar amuado e triste andando pela escola sem eira nem beira.

Ela me ajudou, levou a ideia a direção da escola que foi aprovada e me deram uma sala de aula com vários armários onde comecei a coletar livros de doações com os outros alunos e a catalogar tudo e ali passou a ser o único lugar onde era possível me encontrar fora do horário de aula.

Infelizmente os meninos mais velhos que usavam drogas, principalmente cola de sapateiro que era facilmente adquirido na ferragem em Nova Petrópolis vinham se esconder; sob efeito, na biblioteca e isso durou muito tempo até que um dia eu muito irritado com a situação denunciei o fato para a direção e vários rapazes que estavam lá neste dia foram advertidos, castigados e pegaram ódio de mim. Então passei a ser perseguido principalmente nos fins de semana quando havia a possibilidade de sair da escola para passear e como o pai deixava dinheiro de mesada para mim eu pegava e podia tomar um ônibus na BR 116 para Gramado ou para Canela, ou ainda para Nova Petrópolis.

Devido a raiva e a tentativa de se vingarem de mim apanhei várias vezes nos fins de semana dos rapazes mais velhos que me pegavam na saída do fim de semana até eu ter a ideia de comprar maços de cigarros e a tal cola de sapateiro e começar a oferecer para eles, dessa forma consegui parar com a violência contra mim e ainda fui aceito pelo grupo dos mais velhos. Logicamente abandonei minha funções de voluntário na biblioteca e me tornei o menino de 11 anos do internato mais endiabrado que havia na escola.

Nas vezes que eu podia ir para casa o que acontecia uma vez por mês eu passei a desenvolver um plano para sair do Bom Pastor e consegui que meu pai me internasse num outro internato em Porto Alegre. Acabei rodando de ano pois

já estava comprometido com as drogas e não queria nada com nada. Conversando com minha vó, mãe de minha mãe, ela me propôs que eu viesse a residir com ela caso o pai aceitasse o que veio por acontecer.

Meu pai alugou um apartamento no centro de Porto Alegre e me matriculou no colégio particular Sévigné, era a sétima série. Morando agora bem no centro da cidade foi mais fácil eu começar a usar outras drogas, principalmente a maconha e comprimidos com efeitos depressivos e alucinógenos conforme o modo de usar e com o que eu misturava.

Passei a sofrer de alucinações usando Artane e Akineton que era fácil de comprar nas farmácias pois naquela época não havia a obrigatoriedade de se apresentar receita médica. Comprava vidros de cem comprimidos. Me sentava em plena praça Matriz sob os monumentos com uma garrafa de coca cola e ingeria dez, quinze...No início do efeito sentimos como se estivéssemos sob efeito da maconha, pois provoca um relaxamento da musculatura. A grande diferença é que não causa fome, nem dá vontade de rir sem parar, nem vontade de conversar, inicialmente provoca sono e eu geralmente dormia algumas horas no chão mesmo, ali onde estava.

Quando acordava tinha a impressão que não estava sob efeito e tomava mais comprimidos. Logo a seguir eu passava a sofrer alucinações. Muito vívidas, muito reais. A principal de que eu me lembro é que notei que não havia mais ninguém andando nas ruas, tudo tinha ficado deserto e eu não conseguia reconhecer onde estava. Saindo caminhando assustado tentei voltar para minha casa e andei por dias sem encontrar meu prédio até que passado cinco dias consegui e apareci na porta do apartamento tudo sujo, urinado, morto de fome, e minha vó me levou para o banheiro, me deu um banho pois eu não conseguia nem passar o sabonete no meu corpo e depois me alimentou e me colocou na cama.

Minha vó tentou e tentava de todas as formas impedir que eu usasse drogas. Vivia me revistando. Quando encontrava maconha ou comprimidos ela colocava fora. Nunca teve coragem de contar para meus pais até o dia em que durante uma madrugada, eu sob efeito de comprimidos (do Artane) tive uma

alucinação e comecei a ver monstros invadindo o apartamento. Para invadir o apartamento eles usavam os pratos de porcelana pintados a mão que minha vó colecionava e tinha nas paredes. Eu para evitar a invasão dos monstros e salvar o planeta peguei um cabo de vassoura e comecei a quebrar prato por prato às 5 horas da manhã.

A vózinha desesperada chorava e orava em frente a um grande quadro de Jesus Cristo que ela amava que eu não sei por que razão quebrei com uma paulada. Minha vó horrorizada correu para a porta do apartamento e fugiu descendo as escadas e foi até um telefone público e ligou para meu pai e então contou que eu estava usando drogas e o que estava fazendo.

Meu pai sem saber direito o que deveria fazer entrou em contato com um médico amigo da família que lhe sugeriu que me internasse na clínica Pinel, uma instituição particular que tratava dependentes químicos e pessoas com problemas de saúde mental e antes de ir me buscar na vó ele reservou uma vaga para mim e deixou toda a equipe preparada.

Quando meu pai chegou e viu tudo que eu tinha feito, os cacos no chão dos pratos que eu havia quebrado, a minha vó chorando desesperada ele perdeu as estribeiras e me pegou pelos cabelos e foi me arrastando até o elevador e dentro batia minha cabeça contra a parede até o elevador abrir as portas no térreo. Sempre me arrastando pelos cabelos me levou até o carro e me jogou dentro e arrancou o carro direto para a clínica.

Ao estacionar em frente a clínica Pinel olhei para o prédio e na hora me dei conta do que iria acontecer comigo e que seria internado. O pai me mandou sair do carro e o acompanhar e eu disse que não iria sair. Ele então saiu e foi na recepção chamar a equipe de enfermagem psiquiátrica que já estava esperando minha chegada.

Os enfermeiros vieram e abriram as portas do carro e conversando me pediram para sair dali. Me neguei e eles então começaram a tentar a força me tirar do veículo. Sei que agredi um deles com um soco no rosto e com outro rasguei toda sua roupa. Eles conseguiram a força me tirar do carro e todos juntos me colocaram no chão na calçada e um deles veio com uma seringa e me injetou

no músculo do braço um medicamento. Tomou de outra seringa e injetou novamente outra dose no outro ombro e eu comecei a ver estrelinhas e desmaiei. Muito mais tarde soube que era Aldol Decanuato uma injeção de contenção química muito usada para conter a agressividade de pessoas em crise. Esse medicamento assim que injetado via intra muscular age em segundos provocando uma paralisação muscular e desmaio facilitando assim que equipes de enfermagem possam conter o paciente mobilizando-o.

Acordei completamente nu amarrado numa cama hospitalar num quarto da clínica. Tinha meus pés amarrados, mãos, tronco, cintura, peito, coxas e inclusive uma faixa amarrada em minha testa o que impedia que eu movimentasse a cabeça para os lados. Essa situação durou dez dias. Completamente nu me mantiveram contido fisicamente numa cama de hospital e sempre alguém vinha e me explicava que aquilo era uma punição por eu ter agido tão violentamente e que eles queriam ver eu repetir tudo de novo e se caso, após me desamarrarem em viesse a ser violento de novo voltaria ao castigo.

Bom, era o ano de 1982, eu estava com cerca de 15 para 16 anos, não havia ainda os movimentos antimanicomiais e a abordagem psiquiátrica permitia que esse tipo de tratamento fosse dado aos pacientes, mesmo aos particulares, como era meu caso.

Na clínica Pinel tive a oportunidade de assistir muitas palestras de médicos e especialistas sobre dependência química. Essa foi minha primeira internação. Outras tantas vieram depois. Eu saía de uma internação e entrava noutra e meu pai sempre pagando as internações particulares.

Esta fase de minha vida em minha memória está praticamente apagada. Não consigo me lembrar de quase nada.

Acho importante contar sobre uma fase que me aconteceu antes dessa primeira internação porque ela marcou demais meu espírito e de certa forma abriu as possibilidades para a compreensão de alguns fatos que tem a ver com o propósito desse livro.

Não irei conseguir narrar os fatos de minha vida cronologicamente falando com perfeição, pois sigo ideias que abrem capítulos na obra e elaboro os textos conforme vão me chegando os pensamentos, por isso peço perdão aos meus leitores se em muitas vezes eu voltar no tempo como agora no caso em questão, e se volto no tempo a idade de 13 para 14 anos é porque são acontecimentos muito importantes.

Sempre que escrevi algum livro que continham histórias de minha vida tinha em meu pensamento uma única regra, que minha biografia servisse como alertas voltados a prevenção às drogas. Agora mais maduro e podendo analisar mais profundamente minha vida e minha história fazer apenas prevenção às drogas não é o suficiente mais para mim.

Preciso também fazer um alerta sobre questões relativas a espiritualidade e a todo o processo de amadurecimento e influenciação que sofremos por parte de demônios e maus espíritos. Ontem mesmo meu pai estava me contando a respeito do Benjamim, uma criança que ele e minha madrasta cuidam e como ele estava se comportando mal na altura de sua tenra idade, já que era apenas um bebê arrecém saindo das fraldas e aprendendo a falar. Acontece que ele andava dando tapas nos rostos das pessoas. Por nada. O pai levou ele ao Centro Espírita e lá conseguiram afastar a influência negativa dos maus espíritos e o guri parou de dar tapas.

Pois bem. Essa parte da história de minha vida envolve meu pai e minha madrasta. Lembro que ambos estavam procurando um centro espírita kardecista e fomos de carro ao Centro Espírita São Francisco Xavier, o "Chiquinho" na Caju, no bairro Petrópolis, aqui em Porto Alegre.

Ainda era uma casa de madeira naquela época.

Fomos recebidos como "marinheiros de primeira viagem" e encaminhados para a palestra pública, recebemos o passe espiritual pelas mãos dos médiuns da casa e depois fizemos o Pronto Socorro Espiritual.

Para quem não sabe o que é o procedimento este atendimento envolve normalmente 4 médiuns que ficam sentados numa salinha bem pequena fechada apenas por uma cortina. Na sala não existem imagens, não ha rituais, nem

santos, apenas alguns quadros de avisos. Os 4 médiuns dispostos na sala ficam sentados em cadeiras bem simples numa postura normal com as mãos sobre os joelhos e existe ainda um diretor do atendimento que recebe o "paciente" que entra na sala com uma fichinha onde consta seu nome e endereço e algumas instruções.

Naquele dia durante meu atendimento no Pronto Socorro Espiritual como todos aguardei um certo espaço de tempo até ser conduzido a sala e ao entrar me pediram para sentar e ficar relaxado elevando minha mente pensando no Mestre Jesus. Ainda não tinha muitos conhecimentos a respeito de Jesus nem entendia bem quem ele era mas entendia que era uma espécie de santo ou tipo uma pessoa que tinha morrido e que tinha feito o bem entre as pessoas e que se deveria seguir seu exemplo, afinal eu estava apenas com 13 anos de idade e como era Luterano não havia feito Crisma nem muito menos havia tido participação em outras religiões a não ser esporadicamente quando muito criança quando era levado pela minha tia Ruth Domignues aos Cavaleiros de São Jorge; e como eu era muito pequeno na época as experiências daqueles dias já não faziam mais parte de meus pensamentos nem levava nada em conta sobre Cosme e Damião e sobre aquele tempo em que eu aos 6, 7 anos de idade ficava em transe entre os médiuns de Umbanda.

Limpei minha mente conforme entendi que deveria fazer ao ser solicitado pelo diretor da "salinha" e fiquei observando os médiuns sentados. Ele então fez uma rápida oração pedindo a Jesus que abençoasse os médiuns ali presentes e que fosse permitido que estes entrassem em meu campo perispiritual e que se houvesse algum espírito que desejasse se manifestar que o fizesse.

Imediatamente os médiuns começaram a falar. Alguns a chorar, uns a esbravejar de raiva, outros a se queixarem de muita dor. Todos sempre de olhos fechados e mãos sobre os joelhos pareciam controlar as manifestações mediúnicas e as comunicações dos espíritos. Muito mais tarde aprendi que um médium espírita kardecista passa por todo um curso voltado a aprender a dominar seus impulsos impedindo que os espíritos se manifestem de qualquer forma...

O diretor do atendimento ouviu com muita paciência as comunicações de todos os médiuns que se deixavam usar para que os espíritos se manifestassem e após ouvir a todos explicou em voz agora um pouquinho mais alta como dirigindo-se a eles que não estavam mais no corpo físico e que haviam desencarnados. Explicou aos espíritos comunicantes que as dores que estavam sentindo, o sofrimento de que eram portadores, e mesmo os sentimentos descontrolados e inferiores eram ainda do tempo em que estavam sob a veste da carne física mas que era chegado a hora de deixarem para trás tanta dor e tantas correntes pois por aquele atendimento estariam sendo recebidos por Espíritos de muita Luz que os encaminhariam a uma nova fase de suas vidas onde se regenerariam, fariam um tratamento para recuperarem o equilíbrio, e que lá no Plano Espiritual Maior cada um receberia conforme seus merecimentos e que mesmo aqueles que tinham cometido muitos erros teriam também a chance de serem perdoados e realocados em novas experiências em futuro próximo desde que naquele exato momento aceitassem a intervenção de Jesus e de Seus Excelsos Colaboradores que estavam ali de mãos estendidas para os conduzir a Nova Morada!

Alguns médiuns então foram aos poucos respirando profundamente como a procura de ar para recuperarem-se e aos poucos foram abrindo os olhos. Um dos médiuns negou-se e disse que não iria sair dali assim pois ele estava ali para se vingar e que eu havia feito coisas horríveis para ele e merecia cada centil do que ele iria me proporcionar enquanto pudesse.

O diretor do trabalho após verificar que todos os outros médiuns haviam voltado ao controle de suas emoções e de suas mentes passou a dirigir-se apenas a esse médium que retinha ainda o espírito recalcitrante, que teimava em jamais me abandonar enquanto não satisfizesse seus desejos de vingança.

Voltando a dirigir-lhe a palavra procurou explicar ao espírito sofredor e moribundo que enquanto permanecesse neste intuito jamais teria descanso. Explicou-lhe o quanto era importante perdoar-me e aceitar a sublime chance de novas escolhas sob a Bandeira do Divino Mestre que estava Lhe oferecendo esta

oportunidade para subir ao Plano Maior e olvidar do passado aceitando um novo futuro.

Por fim, o próprio médium encerrou a comunicação impedindo que o espírito comunicante continuasse com suas ameaças e impropérios e recuperou o controle abrindo os olhos.

O diretor dos trabalhos me devolveu a fichinha e pediu para que eu retornasse mais vezes para uma série de passes e que não me afastasse do tratamento espiritual que a casa passaria a me oferecer dali em diante.

Saí da sala confesso um tanto abalado e muito tonto vendo estrelinhas girando sobre minha cabeça. Estrelinhas douradas. Meu pai e minha madrasta me aguardavam lá fora e entramos no carro e fomos embora. A medida que o carro se afastava do centro espírita parei de sentir como se estivesse em nuvens e sob efeito de drogas e as estrelinhas que giravam sobre minha cabeça sumiram.

Lógico que aquela novidade e tudo que senti naquele centro espírita foi para mim uma experiência inédita. Pela primeira vez, sem estar sob efeito de drogas me senti nas nuvens e vendo estrelinhas lindas brilharem sobre minha cabeça. Eu precisava saber o que tinha acontecido. Eu precisava entender mais. Estava decidido a voltar lá e voltei. E voltei sozinho.

Nunca vou esquecer. Sem contar a ninguém descobri onde era o centro espírita que meu pai tinha me levado de carro e fui sozinho de ônibus até lá. Entrei numa fila que nem me lembro para que era e de repente tonteei e comecei a passar mal quando um senhor me pegou pelo braço e me chamando de Carlinhos me perguntou se eu estava me sentindo bem. Eu estranhei o fato desse senhor me conhecer e saber meu nome pois eu nunca o tinha visto na minha vida. Ele se apresentou e me disse chamar-se irmão Mario e que era o Presidente do centro espírita. Pediu para eu respirar devagarinho e me controlar e me mandou descer dizendo para que eu me apresentasse a uma determinada pessoa e que lhe falasse que o Irmão Mario havia me mandado lá e que eu ia começar a fazer o Curso de Médiuns.

Foi assim que durante alguns meses fui preparado para atuar como passista e trabalhador da casa e eu, mesmo sendo um adolescente também fui introduzido a dar atendimento nas salas de Pronto Socorro Espiritual no centro espírita Francisco Cândido Xavier.

Minha atuação como médium de incorporação era definida por "receber" espíritos sofredores, vingativos, suicidas, revoltados, pessoas que haviam desencarnado sem noção nenhuma de Deus, sem conhecimentos, inesperadamente, violadores, masoquistas, desolados, pessimistas, orgulhosos, invejosos, recalcitrantes, deturpadores, espíritos que vagavam anos na escuridão de suas próprias mentes e em suas "casas" mentais criadas por si próprios como "infernos" particulares.

Durante um bom tempo parei de usar drogas e iniciei a estudar o espiritismo kardecista para melhor compreender sobre os fenômenos que ocorriam comigo. Notei também que não podia passar em frente a uma igreja aberta que tinha uma compulsão para entrar. Comecei a frequentar algumas missas, ia em outras igrejas de confissões diferentes. Comecei a ler outros livros de várias religiões. Apesar de vivenciar em mim mesmo a incorporação e a comunicação dos espíritos me sentia triste por que não se comunicavam comigo os Bons Espíritos. Lia a respeito de médiuns famosos e dos fenômenos que ocorreram com eles desde a infância e sentia uma certa inveja pois era óbvio que tinham sido beneficiado diferente de mim e analisava tudo com um espírito crítico e de certa maneira criticava a Deus por isso. Queria sair daquela situação de incorporar e favorecer apenas comunicações com espíritos sofredores e malfazejos perdidos num limbo mental de culpas e revoltas.

Esses sentimentos que passaram a nortear meus pensamentos adolescentes me tornaram de alguma forma mais sensível, não a influência de Bons Espíritos de guias mais elevados, mas mais sensível as pessoas que circulavam em minha volta. Onde andava comecei a notar que as pessoas de alguma forma me influenciavam a mente e passei a sentir todos. Quando andava na rua, dentro de um ônibus, por exemplo. Sentia cada pessoa perto de mim.

Notava os pensamentos delas, sentia as vibrações, as energias que carregavam, as espiritualidades, as doenças, os sentimentos. Algumas pessoas eu via cores, ou espíritos grudados nelas.

Cheguei a tal ponto que resolvi abandonar o centro espírita e parar de atuar como médium. Tudo estava sendo demais pra mim. Queria fugir. Queria que tudo parasse. Queria gritar para que tudo se afastasse de mim. Voltei a usar drogas.

Nessa época eu já estudava no colégio Sévigné e residia com minha vó. Ela estava muito contente que eu estava frequentando o centro espírita e que vivia lendo bons livros e mesmo a Bíblia. Minha vó era devota do Padre Réus e vivia agradecendo a ele eu estar tão bem. Ela oferecia rosas que colocava num copo de água ao lado da pequena estátua do padre que tinha sobre sua cômoda. E sempre me dizia para observar como mesmo após dias e dias as pétalas jamais caíam. Segundo minha vizinha era porque a rosa tinha sido bem aceita pelo padre. Enfim, mais um mistério, um fenômeno de fato.

Não conseguia me comunicar muito bem com minha vó nem mesmo falar muito a respeito de minhas atividades como médium no centro espírita e eu sabia que por seu conhecimento simplório das coisas minha vó não poderia me ajudar nos meus raciocínios complexos sobre espiritualidade e religião.

Acabei realmente abandonando as atividades do centro espírita e me atirei com tudo no vício novamente. Era uma maneira de calar as "vozes", os "sentimentos" e "sensações" que não eram meus segundo minhas próprias conclusões.

Nessa época voltei a ter raiva do mundo, dos meus pais, de tudo e me afastei totalmente de qualquer percepção sobre espiritualidade. A maconha e os comprimidos como o Artane que eu havia recém descoberto por mim como uma possibilidade de usar e comprar nas farmácias sem me envolver com traficantes nem ficar entrando em favelas para adquirir drogas me facilitaram a vida...

Na escola, no colégio Sévigné tive uma experiência de amizade com um determinado aluno e eu e ele vivíamos fugindo das aulas para fumar maconha. Um dia entramos num pátio abandonado e ali escondidos começamos a fumar. Num determinado momento o meu amigo derrubou o cigarro de maconha da

mão e eu me abaixei para pegar e ele que estava encostado no muro pegou um tijolo que tinha ali solto e me deu uma forte pancada na minha cabeça que eu caí deitado muito tonto. Ele aproveitando tirou o relógio de meu pulso, revistou meus bolsos e levou consigo o dinheiro que eu tinha comigo.

No outro dia, como se nada houvesse acontecido lá estava ele sentado na sala de aula. Mais tarde conversando com outros meninos descobri que ele estava na cocaína já há muito tempo e que os pais dele tinham cortado o dinheiro, mesada, tudo dele e que ele vivia aprontando coisas assim com os outros. Essa experiência me levou a ter muito medo de começar a usar cocaína. Acho até que foi por isso que só fui usar ao iniciar meus trabalhos como policial militar muitos anos mais tarde após o curso na academia (EsFECs) da Brigada Militar.

A Fé Humana, o Principal Alvo de um demônio

Fé em Deus, Fé em qualquer poder sobrenatural que faça uma pessoa encontrar energias para continuar vivendo e lhe dando esperanças para trabalhar e criar sua família para os demônios é o principal alvo a ser atingido.

Não há como prosperar o descrédito na humanidade e não há como tirar a ação de Deus nas ações das criaturas se a Fé mesmo que do tamanho de um grão de mostarda vier a germinar.

Por isso muitos de nós que temos uma sensibilidade mais palpável aos fatos da espiritualidade serão perseguidos e se não impedidos, estarão sendo atacados pelas "beiradas". Não existe nada mais cara para cada um de nós que nossos entes queridos e familiares. E se "eles" não conseguirem destruir sua Fé exercerão seu poder sobre aqueles que você ama e que não estão preparados para batalhas espirituais dentro de seu dia a dia.

As "batalhas espirituais" nos alcançam em nosso dia a dia. Em nossas forças físicas, em nosso campo financeiro, em nosso trabalho, em nossa casa, em nosso lar. Elas acontecem fantasiadas de problemas, mascaradas de situações que pensamos serem corriqueiras e controláveis mas que não o são, pois caso fossem não nos acometeriam.

Os demônios e suas legiões trabalham ocultos, em segredo, como cupins deteriorando, alimentando-se e consumindo a madeira gradualmente e só tempo

depois que notamos que aquele tronco está quebrando, que não suporta mais o peso pois foi consumido por dentro.

Assim eles agem. É por esse fato que muitas pessoas acabam sendo envolvidas num processo que lhes fortalece a descrença e a perda da Fé. Desistir de ter Fé, se revoltar contra as coisas de Deus e contra a Criação fortificará qualquer ser que se adaptando ao mundo consegue aliado as forças do mal e da mesquinhez conviver dia a dia e até alcançar sucesso nas coisas almeçadas à nível de bens materiais e mesmo na construção de alicerces familiares, pois a família, subjugada as forças do mal, se mantém mais próspera pois atuará em consonância com outros interesses alheios as obras de Deus e com toda a espiritualidade inferior que domina esse mundo conseguirá ir sobrevivendo sem os percalços e problemas que famílias que cultivam a Fé enfrentam normalmente.

Dessa forma muitas famílias e pessoas aliam-se num pacto silencioso com demônios e com a espiritualidade inferior servindo de instrumentos a derrocada dos outros até mesmo inconscientemente pois a opção lhes convém e a falta de discernimento e conhecimento de Deus lhe é agradável.

As premissas e razões que enchem as cabeças das pessoas que se dizem ateus e os conhecimentos que propagam para justificar essa escolha esconde a natureza humana que nos impõe perceber as Obras da Criação em todas as coisas.

Comigo aconteceu de uma maneira mais sórdida e desde criancinha. Apesar de ter uma tia que notou a Espiritualidade em mim que lhe chamava ao compromisso de tentar me proteger e direcionar meu futuro houveram muitas ações em derredor de mim e contra minha família que prejudicaram meu futuro espiritual.

Mesmo assim, analisando minha história podemos facilmente perceber que a Espiritualidade continuava e nunca deixou de lutar por mim e por me direcionar a um caminho mais apropriado apesar de minhas más escolhas, ou da falta de religiosidade de minha família que mantivesse o demônio ou "*os demônios*" longe de nós.

Como diz a letra Oração da Família do Padre Zezinho:

Que nenhuma família comece em qualquer de repente

Que nenhuma família termine por falta de amor

Que o casal seja um para o outro de corpo e de mente

E que nada no mundo separe um casal sonhador!

Que nenhuma família se abrigue debaixo da ponte

Que ninguém interfira no lar e na vida dos dois

Que ninguém os obrigue a viver sem nenhum horizonte

Que eles vivam do ontem, do hoje em função de um depois

Que a família comece e termine sabendo onde vai

E que o homem carregue nos ombros a graça de um pai

Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor

E que os filhos conheçam a força que brota do amor!

Que marido e mulher tenham força de amar sem medida

Que ninguém vá dormir sem pedir ou sem dar seu perdão

Que as crianças aprendam no colo, o sentido da vida

Que a família celebre a partilha do abraço e do pão!

Que marido e mulher não se traiam, nem traiam seus filhos

Que o ciúme não mate a certeza do amor entre os dois

Que no seu firmamento a estrela que tem maior brilho

Seja a firme esperança de um céu aqui mesmo e depois

Que a família comece e termine sabendo onde vai

E que o homem carregue nos ombros a graça de um pai

Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor

E que os filhos conheçam a força que brota do amor!

Abençoa, Senhor, as famílias! Amém!

Abençoa, Senhor, a minha também!

A letra é clara e de fato é uma oração fervorosa de muita estima, carinho e amor do estimado padre que entendia o valor da família e do como se comportar-se como tal enquanto como tal se encontrar, uma verdadeira família.

E o que é uma família? Família é a união entre pessoas que desejaram construir um futuro juntas e que desse desejo de se tornarem mais fortes e de um ajudar o outro decidiram também ter filhos ou adotar; e criar esses filhos sob a bandeira do Bem, a Bandeira de Valores, da Fé num Poder Superior e Criador e Amoroso, dentro de princípios que tornem a todos muito claro que essa União acontece graças ao Amor, princípio de todas as coisas, não importando a religião, mas importando sim os costumes, a história, os meios e os fins, a busca pelo sucesso fundamentada em conhecimentos e em educação, em solidariedade, fraternidade e caridade! Nesse sentido família é portanto, tudo isso.

A família que não crê, que professa que não existe vida após a morte, que só exista esta vida e mais nada, que tenta doutrinar e educar seus filhos para o mundo em que nasceram sob a égide do materialismo nem poderá se definir como família. Pois; ao escolher esta forma de criar seus filhos escolheu o antagonismo, escolheu a desesperança, escolheu o egoísmo, o orgulho, e logicamente não terá ferramentas para impedir que seus filhos biológicos ou adotivos sintam no âmago de seu ser, como criaturas de Deus que são, que um "*Chamamento*" ecoa no ar...

Que existe algo além daquilo que nossos olhos podem ver e que lhes chama a atenção para as coisas além dos bens materiais.

Isso será impossível de tal forma assim o é que hoje em praticamente todos os países do mundo os Direitos Humanos apregoam e defendem o direito do indivíduo humano a desenvolver e a crer no que quiser, pois crer ou não crer é de nossa livre arbítrio e nenhuma determinação ateia poderá nos impedir de

regozijar-se com o Criador pela beleza da vida, já que ela bate e pulsa em nós mesmos!

Como negar o Milagre da Vida se somos parte dela? Com muita revolta no coração e soberba. Aceitando a influência dos demônios em sua vida e se submetendo...Aceitando que você nasceu para viver e morrer para aproveitar as coisas do mundo, o dinheiro, os prazeres. Entretanto, se o mundo não lhe deu ou não lhe dá a satisfação que você está "destinado" a usufruir, o que você fará? Como viverá sua vida? Como continuar dia a dia?

Você tem interesse em ler o Livro II dessa série "O Segredo dos Demônios"?

*Me informe para que eu me sinta de fato motivado a publicar e dar sequência:
nehertecnico@gmail.com*

Biografia do Autor



Carlos Neher é natural de Porto Alegre-RS, nasceu em 27 de setembro de 1966.

Aos 11 anos iniciou-se nas drogas.

Passou por mais de 28 internações em clínicas e comunidades terapêuticas por todo o país.

Com incentivo de seus médicos começou por volta dos 28 anos de idade a reagir a sua doença (dependência química) e as suas sequelas (esquizofrenia) iniciando um tratamento mais voltado a psicanálise e psicoterapia com ampla programação voltada a prevenção da recaída.

É músico profissional. Faz shows palestras antidrogas. É conselheiro terapêutico.

Começou a escrever livros antidrogas, promover palestras e shows-palestras em escolas e empresas, criou várias abordagens com recursos lúdicos para a prática da prevenção às drogas inovando conceitos e metodologias pedagógicas para a área.

Hoje presta consultoria em sites especializados, orienta famílias e dependentes químicos para a recuperação.

É médium espírita, psicografa livros espíritas.

Contato com o autor:
nehertecnico@gmail.com

Site: <http://nehertecnico.wixsite.com/palestrasgratisneher>

Facebook <https://www.facebook.com/carlostecnico666>